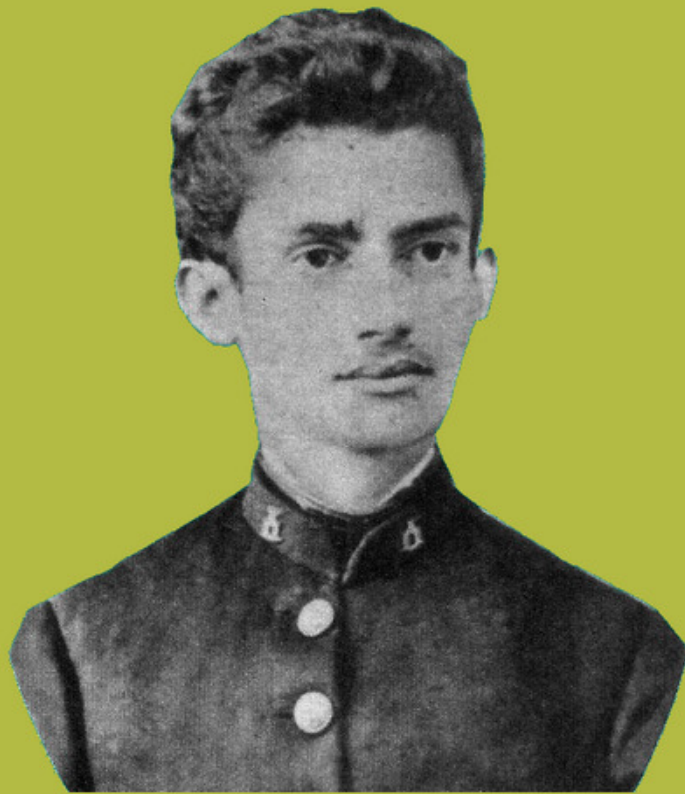


Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Manuel de Oliveira Paiva  
*Poemas*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Manuel de Oliveira Paiva

## *Poemas*

---

Publicado originalmente em 1983/84

**Manuel de Oliveira Paiva Kacetudo de Lima  
(1861 – 1892)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 208**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Manuel de Oliveira Paiva: *“Poemas”*.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

Manoel de Oliveira Paiva, filho de João Francisco de Oliveira e de D. Maria Izabel de Paiva Oliveira, nasceu a 12 de julho de 1861 em Fortaleza na então rua Amélia, hoje Senador Pompeu, casa nº 162.

Estudou no Seminário do Crato e foi aluno da Escola Militar do Rio de Janeiro, que deixou em 1883, já doente de infecção pulmonar a que sucumbiu.

De colaboração com João Lopes e Antônio Martins escreveu *A semana*, crônica que o *Libertador* publicava aos sábados, assinada por Gil, Pery & C.a.

É o autor da *Zabelinha* ou *Tacha Maldita*, conto em verso, *Ceará*, oferecido à memória de Luiz Gama, e de um romance com o título *A afilhada*, que foi publicado no rodapé do *Libertador*, como foram também uns sonetos seus sob o título *Sons da viola*.

*Zabelinha* é um trabalho de propaganda abolicionista como muitos outros de Oliveira Paiva, entre os quais o panfleto intitulado *Vinte e cinco de Março*. Em 1887, com João Lopes, Antônio Martins, Abel Garcia, José de Barcelos e José Olympio redigiu *A Quinzena*, propriedade do *Club Litterario*, publicando nela vários contos como *A corda sensível*, *O velho vovô*, *O ar do vento Ave Maria*, *A melhor cartada* etc. No jornal *Cruzada*, órgão da Escola Militar do Rio de Janeiro, escreveu o romance *Tal filha, tal esposa* e uma série de sonetos sob a epígrafe *Transparencianas*.

Faleceu a 29 de Setembro de 1892, tendo desempenhado as funções de Secretário do Governo e de 1º oficial da Secretaria do Ceará.

*A Padaria Espiritual* publicou a 9 de Outubro uma *polyanthéa* com seu retrato e traços biográficos por Antônio Sales. Oliveira Paiva deixou um romance *D. Guidinha do Poço*, que foi publicado em 1899, na *Revista Brasileira*.

De Manoel de Oliveira Paiva escreveu o seguinte Araripe Junior no *Tempo*, do Rio de Janeiro, em artigo sob título *Um romancista do norte*: “No momento em que as letras pátrias parecem receber um poderoso impulso e, com as agitações políticas, todas as forças vivas da nação se levantam para amparar o futuro e consolidar a crença no próprio valor; não estranharão os leitores do *Tempo* que um amoroso da terra venha lembrar aqui o nome de um escritor desconhecido, que muito trabalhou para o engrandecimento das letras de seu país com o amor de um artista e a coragem de um batalhador. Trata-se de um moço cearense, que dispersou muito talento e extasia pelos jornais de sua província, e que estava destinado a representar um papel brilhante entre os romancistas

brasileiros. Infelizmente refiro-me a um morto, porque, quando os seus escritos prometiam a conversão dos projetos em formosa realidade, a eterna inimiga desmoronou os castelos, que se esboçavam numa imaginação já perfeitamente cultivada para as fortes construções do romance de observação. Chamava-se Manoel de Oliveira Paiva esse moço, que a 29 de Setembro de 1892 sucumbiu do mal dos poetas brasileiros, aos 31 anos de sua idade, deixando atrás de si uma saudade imorredoura traduzida no soluço da nova geração do Ceará.”

Sentimento igual a este punziu o coração do autor destas linhas, em 1878, quando se finou Raimundo da Rocha Lima, outro cearense de grandes esperanças, que a fatalidade surpreendeu no amanhecer de glória, justamente no momento em que no seu cultivado espírito se conjuravam os elementos para a fatura de dois monumentos de crítica — um sobre a “Revolução” e outro sobre “Jesus”.

Era Oliveira Paiva um observador e um forte, no qual se juntavam qualidades poéticas que o tornariam um mestre na arte de compor se continuasse a viver. Pobre, sem proteção teve de lutar com a vida para abrir caminhos ao exercício de suas faculdades. Foi Seminarista no Crato, para obter os primeiros rudimentos de educação, e depois sentou praça, para ilustrar-se num curso de guerra. O que fez durante esse período de sua existência dizem as tradições da escola Militar, a “Cruzada” onde o poeta ensaiou as suas primeiras armas publicando versos humorísticos e romances, que desde logo anunciaram a sua aptidão para o gênero descritivo e para análise dos caracteres. Pouco tempo depois abriu-se a campanha abolicionista e Oliveira Paiva foi um dos incendiados por essa convulsão sentimental, em que o Ceará devia tomar a dianteira e os seus filhos representar o papel de imediatos precursores da República. Nessa época o propagandista audacioso já era minado pela cruel enfermidade, que o levaria à sepultura. Obrigado a voltar á sua terra em busca de lenitivo aos males que o atormentavam, longe de achar aí o repouso de que carecia, encontrou a febre do “Libertador” e a tormenta que João Cordeiro, Amaral, Frederico Borges e outros haviam desencadeado contra os proprietários de escravos.

A jangada do “Dragão do Mar” desfraldara a vela branca da libertação dos cativos nos verdes mares do Mocaripe; e os negreiros aterrados diante da propaganda enérgica capitularam por toda parte, entregando a presa secular aos novos conquistadores à “Terra da luz”. Nesse tumulto de entusiasmo, Oliveira Paiva extenuou-se em discursos e versos, e, no auge da excitação, deu á estampa dois poemetos de propaganda, vibrantes de cólera e de um lirismo estranho, quase desconexo. “Zabelinha” intitulava-se um desses poemetos, e um dos poetas da nova geração cearense, Antônio Sales, quis descobrir nele “certa alure” imprevista, de que dão idéia muito aproximada os produtos da atual escola “decadista” ou “simbolista”.

Terminada a faina libertadora, começou então para o poeta uma fase tranquila, durante a qual, no “Libertador”, órgão literário, dirigido pelo deputado João Lopes, dedicou-se mais calmo aos trabalhos de sua vocação.

Afirmam todos os que conheceram o autor da “Zabelinha” nesse período, que apesar de minado pela enfermidade, ele mostrou na prosa uma fecundidade que de dia a dia tomava maiores proporções. Foi nesse jornal e na “Quinzena” que tive ocasião de apreciar o talento artístico de Oliveira Paiva, que á primeira inspeção se apresentava como um namorado de formas goncourianas. Logo depois, fui surpreendido com a publicação, em folhetim no “Libertador”, de um romance de fôlego,, intitulado “A afilhada”, no qual não sabia o que mais admirasse, sua habilidade com que o romancista adotava o naturalismo no meio que descrevia, se as audácias propriamente “cearenses”, que davam ao romance um sainete só apreciável aos filhos da terra. Esta obra, por motivos secundários, não se editou em livro, o que é uma pena. Com o advento da Republica nasceu a atividade política, do poeta.

Escolhido para secretario do governo provisório do Estado, foi depois escolhido para 1º oficial de uma das respectivas secretarias, quando se organizaram os serviços públicos. A medida da vida desse moço, porem, tinha enchido.

A morte, que o namorava havia tantos anos, escolheu; para fulminá-lo justamente o momento em que os seus esforços iam ser coroados, não só por uma colocação definitiva na sociedade, mas também pela confirmação do conceito em que os amigos tinham os seus talentos.

Pode-se afirmar que com Oliveira Paiva baixou á sepultura uma das aptidões mais enérgicas, que o Ceará tem produzido para o romance de costumes.

Agora chega-me a notícia de que no espolio literário do morto encontrou-se o manuscrito de um romance de extenso desenvolvimento, o qual ele tinha pronto para o prelo. Diz-me um dos seus saudosos amigos, após a leitura em roda competente, que *D. Guidinha*, tal é o nome do livro, “tem por “motivo” principal um desses dramas sanguinolentos a que serviam de cenário as nossas fazendas, revestidos de circunstâncias ao mesmo tempo bárbaras e cavalheirescas que davam á vida dos antigos sertanejos um acentuado tom medieval.” Pela natureza do assunto vejo que se trata de um livro escrito sob tese idêntica a que serviu de arcabouço ao “Sertanejo” de José de Alencar. Sucede, porém, que o autor do “Guarani”, não conhecendo os sertões do Ceará “de viso”, ficou muito a barlavento da verdade, e no romance deu-nos apenas uma sombra poética da vida do interior e das fazendas. Se não mentem os meus vaticínios, se é exato que Oliveira Paiva pôs em contribuição todos os processos modernos denotação para compor o livro que se anuncia, não recuso pensar

que *D. Guidinha* virá preencher uma lacuna no gênero romance, oferecendo-nos um quadro violento de situações quentes, no qual se agitam tipos os mais curiosos criados pela vida crioula na região central, onde os horrores da seca triunfam periodicamente.

*Barão de Studart*  
*Diccionario Bio-bibliographico Cearense, 1915*

# O SONHO

## O SÉQUITO

Lá vem... lá vem..., lá vem o esquife nauseabundo!...  
Que silêncio, meu Deus, que silêncio profundo!  
Uma legião de moscas tristes, silenciosas,  
A três metros do chão abre as asas chorosas,  
E vespas e morcegos, mochos e corujas  
Voltejam sobre o ar meditativamente.  
Anuns e bacuraus vão de casacas sujas  
E como que sofrendo horrível dor de dente.  
A dor transluz pungente assim como um punhal  
No séquito disforme, eclético, infernal.  
Nem um sinal se vê do ritual católico.  
Tudo é tétrico, horrendo, frio, diabólico.  
O firmamento é preto como as coisas pretas.  
O mar escuridão. As nuvens grandes tetas  
D'onde se escorre um sangue impuro, sifilítico.  
O arvoredado é imóvel qual monte granítico.  
E os rios vão correndo como uns cães mofinos.  
A atmosfera tem uns cheiros fedentinos...  
Lá vem..., lá vem..., lá vem o esquife pestilento!

E fui desanimando e fui perdendo o alento...  
Senti um rude aperto. Era o espírito de Judas,  
Que entrou a me explicar aquelas cenas mudas:  
"Desperta, ó bom rapaz, sacode-te, olha cá.  
O defunto é daqui, é do teu Ceará.  
Aquele grupo nobre, de homens bem formados,  
São negreiros do sul, comigo condenados.  
Ouve. Começa agora um canto mavioso  
De vozes guturais e de acento untuoso.  
É terno canto-chão. São padres, são beatas,  
Que foram virtuosos sendo escravocratas.  
Não vês aquela fila que segue na frente  
Levando, como cruz e lampiões sagrados,  
Azorragues, chicotes, tronco e ferro ardente?  
Pois são homens de Lei dos bons tempos passados.  
Tu não verás assim enterro mais comprido!  
Virgens, crianças, tropas, frades e cabido.  
Qualquer classe acharás naquele funeral.



Lá vejo reis de Angola e reis de Portugal.  
Não te horrorizes pois, rapaz, deste adjunto.  
Há milhões e milhões de amigos do defunto.  
Ele depois de andar mais de três séculos vivo  
E sempre amado e sempre heroicamente forte,  
Encontrou, afinal esse povo lascivo,  
Esses cearenses brutos, sem cálculos, sem sorte.  
Atravessou combates e traições e perigos.  
Foi morto finalmente. Eis porque os amigos  
Fazemos este enterro. E que ato mais sincero  
Que a alma de Dionísio ir enterrar Nero?"

Passava então por nós o séquito hediondo.  
Judas subiu a um tronco e um rouquenho estrondo  
Saiu daquela boca escancarada e feia.  
Senti-me vacilar e caí sobre a areia.  
Começou a zunir a imensidão de moscas.  
Tudo aplaudia as frases, infernais e toscas.  
Ouvi o assobiar dos pássaros noturnos;  
A reza dos besouros, tristes e soturnos;  
Chocalhar as ossadas dos monstros humanos  
Cruéis como um algoz, ladrões como ciganos.

Correu no espaço um cheiro imundo, deletério.  
E vi como no ar um monstro cemitério.  
Faltou-me então o solo e senti-me no espaço,  
Caí como um caju maduro de três dias,  
Como que arrebetando o meio do espinhaço.  
E vi que foram sonho aquelas agonias.  
Mas inda me zunia, ao meu ouvido humano,  
A voz do orador, do Judas carcamano:  
"Chorai, chorai, senhor! Chorai, chorai, senhora!  
Morreu o Escravagismo, o enterro faz-se agora!"  
E acordado ouvi a esplêndida alvorada  
Em honra a Fortaleza, a pátria libertada.

Mas agora me lembro: do sonho terrível  
Me ficou na lembrança um carro disponível,  
Um carro sem ninguém, mas nobre, envolto em crepe,  
Rico, tal noutra tempo um barco de Dieppe.  
Judas me disse então: "Ajoelha-te, animal,  
Pois não estás vendo ali o carro imperial?"

## SEPULTAÇÃO

Senti um pontapé desmesurado, elétrico.  
Uma luz cor de enxofre e uma fumaça azul  
Circundavam no espaço um personagem tétrico,  
De cabelos de urtiga e cútis de paul;  
Olhos como do cal das brancas sepulturas  
E beiços cor de sangue. Duas dentaduras  
Negras, pontudas, moles. Faces bem redondas  
Tendo o mexer metódico do pêndulo e das ondas.

"Vamos fazer viagem. Mas só leves alma.  
Pendura o corpo aí no torno do cabide.  
Não receies o tempo, o inferno tudo acalma.  
Eu te meto no bolso. Eia! A hora progride!  
Deixa que tombe a chuva e que campeie o frio:  
Nós somos invisíveis. Vamos pelo fio."

E entramos a girar num turbilhão medonho,  
Ele o Judas tratante, eu o poeta bisonho.  
Não sei por onde andei, mas em voltando aqui  
Soube que fui parar no Itacolomi.  
E era mesmo um monte, alto e muito alto.  
Sobre um chão pedregoso calçado de alfato  
A mesa se assentou. Dos antros da floresta  
Saíram aos milhões os pares para a festa.  
Eu vi que todos eles eram almas que  
Como eu tinham deixado o corpo suspenso.  
A muitos conheci, mas me ocultei (não vê!).

Andavam como a lesma. E todos como Judas  
Tinham olhos de cal e unhas pontiagudas.  
Se esparracharam logo em roda à mesa infinda.  
Serviu-se fel de boi, graxa do Rio-Grande,  
Doce de escarradeira e mel de sopa finda,  
E tanta coisa mais... Depois o chefe expande  
O peito chocalhento e fala aos conjurados:  
"Quer sejais fazendeiros, condes, deputados,  
Ou doutor, ou ladrão, ou monge, ou senador,  
Ou bravo militar, ou mesmo imperador,  
Todos sabeis bastante o motivo justíssimo  
Que nos reúne aqui neste bosque escuríssimo.  
Igual a nossa causa, incisiva, leônica,  
Minha linguagem é, espartana, lacônica.  
Eu digo pois devemos já e já e já

Como as secas torrar o povo do Ceará."

Foi um bater de mão, foi um bater de pé  
E tantos juramentos sagrados, de fé,  
Que a montanha oscilou, a Serra do Espinhaço,  
Como quem leva um murro em cima do cachaço.  
Mas pediu a palavra um tal republicano  
Exigiu retirar-se o nome de um cigano  
De uma conspiração tão digna de louvor.  
E declarou que o nome era o de imperador.  
Judas, porém, loquaz e bem experimentado,  
Pula em cima da mesa, o punho arregaçado:  
"Patife, sem-vergonha, vil especulador  
Que depois de adular ao teu imperador  
Vais reforçar o infame republicanismo,  
Sabe que sem o rei não há escravagismo!!"  
Então o presidente de toda a assembléia  
Quer acalmar a Judas. Judas tem idéia  
E sempre acalentou o amor da monarquia.  
Saímos bruscamente abandonando a orgia.

Eis-me de novo a andar na imensidão horrenda...  
O raio lá por cima encrusa-se, faz renda,  
E calorosamente ferve a trovoada.  
O frio corta o pêlo assim como uma espada.  
Pervagamos assim turbilhonando à toa  
E creio até andamos perto de Lisboa.  
Num momento, porém, nós vimos lacerar-se  
A nuvem sob nós. E do rasgão celeste  
Nós vimos lá embaixo o mundo, esse disfarce.  
O mundo estava esguio, esguio tal cipreste.  
Judas levou a mão ao estúpido bestunto.  
Pensou. Nós nos soltamos. Rolamos ao chão  
Viemos embarrar no esquife de um defunto.  
E Judas foi de ventas dentro do caixão...  
Caí mais de terror do que de esfalfamento  
Reconhecendo o horrendo e imundo enterramento.

O cadáver estava ainda não sepulto.  
Via-se, ao fuzilar, o seu gelado vulto  
Todo dilacerado e porejando pus,  
Mas nem um ar de Cristo, nem um ar de cruz...  
Quanto mais se cavava para ele a cova  
Mais a terra se upava. Esforços inauditos!

"Enterre-o na pedra, no azul da corcova  
Do velho firmamento. Os animais malditos  
Que dele façam pasto. Atirai-o no mar.  
Ou mandem-no meter num tronco secular.  
Ide-o mergulhar nas águas do Amazonas,  
Ou ponde-o de conserva em óleo de mamonas.  
Levai-o para a Itália e num moderno forno  
De boa cremação mande-o esturricar  
E botai-o então para servir de adorno  
Em redoma de vidro e ponde-o num altar..."  
— Cala-te, rei Filipe, já estás amolando!  
Tu pensas que é no tempo das Espanhas, quando  
Tu pintavas o diabo e o clero te aplaudia?  
O clero hoje não faz o que outrora fazia...  
Tudo que ele aí disse já fizemos, Judas:  
Tudo fez como a terra. Urge nos acudas!  
'Ô meu senhor Cão-Coxo, eu já não sou moderno.  
Por isto penso bem. Guardemos lá no inferno  
O cadáver precioso — Escravidão Cearense.  
Que siga em corpo e alma. Ele não nos pertence?  
"Ninguém o quis por lá! Houve muito barulho"  
Quase que há muito pau, quase que há sarrabulho."  
Judas pôs-se a pensar. Por fim pediu um cento  
De possantes diabos. Nas ondas do vento  
Ei-los com o cadáver às voltas. Eu fico  
Porque na grande queda arrebentei o bico.

Cá de baixo o Cão-Coxo aplicando a luneta  
Como quem observa o rabo de um cometa  
Num céu sem resplendor, sem curva, sem azul,  
Entrou a perguntar: "Ó Judas, onde o levas?"  
"Aos áureos conjurados negreiros do sul  
Que são mui bons Adões e muito boas Evas.  
Eu deixei-os há pouco em bela contradança,  
Devem, ter bem disposta a excomungada pança!  
Que melhor, respondi, demônios brasileiros,  
Túmulo da Escravidão que o bucho dos negreiros?"

### **MEMORAÇÃO**

Foi no recinto antigo, nobre e vitalício,  
Que eu vi se reunir o infernal comício.  
O campo de Sant'Anna, a sós, despovoado,  
Via o entrar das almas no velho senado.

Lá estava presidindo o grande Dom Mefisto  
E era secretário o frade Dom Tartufo,  
Que tem lábios de mel e tem boca de quisto.  
Em vez de campainha se batia um rufo.  
A sala foi se enchendo. E as pálidas paredes  
Fugiam pouco a pouco e a sala foi crescendo.  
As tábuas do soalho, assim como umas redes,  
Balançavam, cresciam, com ruído horrendo.  
Uns diabos que haviam chegado da rua  
Traziam cada qual um pedaço de lua  
Espetado na ponta de esqualido bambu,  
E essa era a luz. Estava tudo nu.  
O Sr. secretário preparava a ata,  
Com toda a precaução, de uma sessão transata  
O papel eram peles frescas arrancadas  
Do lombo escravo e bem curtidas e pautadas;  
Servia de tinteiro o crânio de Guiteau;  
A pena era a tal com que o Czar assinou  
A sentença de morte aos bravos regicidas;  
A tinta, santo Deus, saíra das feridas  
Quentes ainda até dos escravos no tronco...  
Ouviu-se pelo chão o perpassar de um ronco.  
Era Satã que vinha em traje de doutor.  
Tomou assento. E houve um palmejar de horror...

Desenrolando um maço de papéis imundos  
Fitou na imensidão os olhos negrebundos.  
Começou a girar a casa da assembléia.  
— Fui eu mesmo em pessoa fazer inspeção:  
Estou pronto a jurar que nem sequer diarréia  
Causou o Ceará em dame Escravidão...  
— Enganas-te, Satã. Tu és um animal.  
Nada viste ferido, nada fraturado,  
E ela tem por dentro um saco aneurismal!  
A princesa, coitada, a luz do teu reinado,  
Sua Alteza a Senhora Escravidão Brasilea,  
Já não há de querer que o meu saber quisile-a.  
Mas foi ela composta de Escravidõezinhas:  
Acontece que o morto Escravidão Cearense  
No todo imperial era uma cavazinha  
Que os médicos a quem o teu saber não vence  
Damos o nome simples, natural, de artéria.  
É fácil de quebrar. Quebrando-se, adeusinho!...  
Não te lembras daquela sepulcral miséria?

Pois era o Ceará no clirvsol, no cadinho.  
"Blasfêmia! Excomungado! Seja pronto expulso!"  
Seguiu-se no recinto um barulhar convulso:  
Agarraram no pobre, franco Triboulet  
E o lançaram de um soco no mar de Guiné.

Entrou-se a discutir como devia ser  
O monumento que eles deviam de erguer  
Para rememorar o nome do finado.  
Então foi que houve pau nos bancos do senado.  
Já a casa corria as vastidões do ar  
Roncando como um touro ou como um forte mar.  
Nada puderam pôr, naturalmente, a votos.  
Pois as almas dos vivos formaram partido  
Contrário ao dos defuntos, velhos, ignotos.  
Era uma ruim mulher ao pé de um ruim marido.  
Judas, que sempre foi excelente político,  
Faz este requerimento exótico, mefítico:  
"Duas opiniões se ouça mais diversas  
(*Time is money*. Dinheiro. Tempo. E não conversas):  
A do bom monarquista e mau republicano  
Que já não quer o rei que é para ter escravos  
E a daqueles, senhores, moços muito bravos  
Que assinaram febris, heróis a todo o pano,  
A grande panacéia — o podre Manifesto,  
Que serviu de toalha e hoje é lava-pratos...  
Que almas do lado oposto vão dizendo o resto,  
Que eu não falo por mim — eu falo por boatos.

Havia pelo ar um cheiro tão imundo  
Como se uma latrina ali quebrasse o fundo.  
Era cada vez mais espatifada a ordem.  
Uns já trocam bofetes, outros já se mordem.  
Giram em turbilhão pelo crivo das serras.  
Já pelo alto mar, já pelas altas terras.

E eu, desamparado pelo amigo Judas  
E me achando a lutar aos beijos com a morte.  
Enxerguei no horizonte umas luzes agudas  
Que iam para o Sul, que vinham lá do Norte.  
E seguiu-se o clangor de milhões de clarins  
Tangidos por soldados da cor de alfenins.  
Pelo alto dos céus vinha o cortejo imenso.  
Soldados a cavalo em pássaros alvíssimos

E nuvens exalando ao ar sublime incenso.  
A luz tinha um vislumbre, uns raios ferocíssimos.  
Um bando de crianças derramando flores  
E um coro de virgens decantando amores.  
O ar que arroteava-os era cor de rosa.  
Cabelos de negror. Pele a mais cetinosa.  
Calçavam de rubi, trajavam de diamantes.  
Treluziam na luz armas coruscantes  
Do esplendoroso, etéreo, enorme batalhão,  
Um cavaleiro idoso, barbas a Moisés,  
Olhos de seta audaz e músculos de leão  
Tinha nos pés e mãos a marca das galés  
E tinha no pescoço a marca de uma corda.  
E no corpo infinitos rastros cor do sol.  
Como que de seu todo o ânimo transborda,

Deixa depois de si como que um arrebol,  
Tem a severidade justa de Licurgo,  
Tem a bravura bela dos sublimes Gracos,  
O misterioso olhar de um grande taumaturgo  
E é capaz de partir um trono quatro nacos.

Diante dele foge a reunião negreira.  
Os diabos se despenham, zunem na carreira.  
Vão de pernas pra o ar, vão dando cambalhotas,  
Um perdeu a barriga e outro perde as botas...  
Ouve-se um trovejar e um ranger de dentes...

O Corcovado inquire às luzes—Quem vem lá?  
— Senhor, é o sempre heróico mártir Tiradentes.  
Vem do Norte do império, vem do Ceará,  
Onde foi, informado por Pedro Pereira,  
Ver a primeira pátria livre brasileira.

# A VISÃO

## A ILHA DA QUIMERA

É quase inacessível. Dorme num penhasco.  
O mar em derredor é negro. O ar, sombrio,  
É para os habitantes hórrido carrasco.  
O céu é achatado. O arvoredado esguio.  
A vista em vão perfura o seio dos abismos:  
Céu e mar, céu e mar... nada mais, nada mais.  
A onda está constantemente em paroxismos.  
Nem nuvem, nem navio ali passou jamais.  
Não há peixe no mar, nem ave no ambiente.  
Tem risos de chacal ao ver o sol ardente  
E mostra a ossada suja, descarnada, nua,  
Escancara-se até, imoralmente, a lua.  
Todos que lá têm ido, poucos, muito poucos,  
Só viram lá por dentro escuridão espessa.  
Tiveram de sofrer o título de loucos.  
Quase que não é ilha — quase que é uma eça.

Pois é naquela rocha tétrica e tão feia  
Que está preso o futuro e que está presa a idéia.  
As leis da matemática, observações da física,  
A experiência química, a bela astronomia,  
Quer as divagações da velha metafísica,  
Quer as afirmações de dame teologia,  
Ou seja a biologia — filha do transformismo,  
Ou a sociologia, ou o parlamentarismo,  
Venha a lei de Moisés, venha a lei indiânica,  
Ou venha a escola clássica, ou siga-se a germânica,  
Venha monsieur Hugo, venha monsieur Zola,  
Que a vida passe além, ou que fique por cá...  
Todas as grandes molas o ideal do homem,  
Que os tempos fazem vir e que os tempos consomem,  
Antes de vir ao mundo, numa certa era,  
Estavam prisioneiras. Foram conquistadas  
Pelo Gênio feliz à ilha da Quimera:  
Foi bala o pensamento e lanças e espadas.

Corria na amplidão um vento desbragado,  
Rijo como Catão, cruel como um soldado:



Vinha enrolando a nuvem, distendendo a vaga,  
Cantando uma canção, uns versos de Gonzaga,  
O relâmpago fere a escuridão terrível  
E rompe a trovoada em coro irresistível.  
Cai uma chuva estranha, bela, misteriosa,  
Feita de pingos de ouro e muito luminosa,  
A ponto de inundar de luz a atmosfera.  
Via-se então o mar bramir como uma fera.  
Ouviram-se pelo ar uns sons muito esquisitos,  
Divinos, imortais, mesmo muito bonitos.  
E lá por cima, um pouco abaixo das estrelas,  
Via-se coisas lindas, via-se coisas belas.  
Tiradentes voltava com muito maiores  
E muito mais luzidos, fortes batalhões:  
Bravos do Paraguai — monstros como condores  
E os grandes heróis de nossas revoluções,  
Mais digno cada qual da pena de Esquiros.  
Era uma passeata celeste a *flambeaux*.  
Washington, Bolívar e Lincoln e Juarez  
Vinhavam cantando um hino um pouco marselhês  
Vinha o Pedro Pereira e vinha o Rio Branco,  
Montando cada qual o seu pássaro branco.  
Ferreira de Menezes, o pardo Luiz Gama,  
Um no dorso do vento, um nas asas da fama.  
E vinha imensidão de virgens formosíssimas  
Que cantavam nas harpas canções celestiais.  
No ambiente havia ondulações dulcíssimas,  
Amenas como um beijo, moles, sensuais.  
Como que aquela enorme imensidão de gente  
Vivia de harmonias, respirava hinos.  
Corria em derredor um cheiro enlanguescido...  
Ferozes como leões, mansos como meninos,  
Em todos pervagava um riso genial.  
Tinham as expressões perfeitas do ideal.  
E como as mutações de cena teatrais  
A ilha se mudou. Vastas arcadarias,  
Como costumam ter as grandes catedrais,  
Iam perder-se além na curva do oceano.  
E salas e divãs e mesas e iguarias  
Tudo com luxo além do pensamento humano.  
Torres com seus faróis, jardins com suas flores,  
Homens com seu poder, mulher com seus amores.  
As roupas insulares eram ricamente  
Feitas do que há macio, belo, reluzente,

No centro havia um vasto e lúgubre salão.  
Foi lá que houve discurso e houve recepção.  
Falou primeiro em prosa o moço Rocha Lima,  
Depois recitou versos o Joaquim de Souza.  
Que doce que era o metro e que florida a rima!  
Um quadro que arrebatava, um quadro que endeusava!...  
Belíssimas mulheres vimos ante nós,  
Que angélicos olhares, que divina a voz!

Estavam quase todas presas, algemadas!...  
Se via as carnes finas meio arroxeadas.  
Algumas conheci: A Paz e a Verdade,  
Navegação Aérea, Porto do Ceará,  
Casamento Civil, a Lei, a Igualdade,  
E outras muitas mais, que todas estão lá.  
Então o Rio Branco disse a uma delas  
Umas palavras santas, ricas e singelas.  
Disse que vinham dar um parabéns fecundo  
A ela, a mais bonita, a ela — a Liberdade,  
Porque no Ceará matou-se o bicho imundo  
Causa primordial de sua infelicidade.  
A carcereira veio cuidadosa então  
E quebrou-lhe os grilhões do lindo pé direito.  
Chama-se a carcereira dama Evolução.  
Veio depois um velho, operário, bem feito,  
Sob o pó do trabalho e respondeu assim:  
"Obrigado, senhores. Despende de mim.  
Minha filha vivia livre na floresta.  
Mas chegou no Brasil o tal Escravagismo  
Convencera ao rei (que é sempre muito besta)  
Que a devia exilar aqui para este abismo.  
Para que ela volte um dia a sua pátria amada  
Talvez seja preciso o golpe de uma espada.  
Começais a matar o pior inimigo,  
Mas depois ainda há outro. O tempo chegará.  
Façamos a saúde: Eia! Todos comigo!  
Bebamos a saúde do heróico Ceará!  
Há de vir, há de vir no futuro uma era  
Em que não morarei na ilha da Quimera.  
Tende-me sempre a mim dentro do coração:  
O pai da Liberdade, o velho Revolução."

## **PÁTRIA**

Eis-me aqui de calção e jaqueta de cor  
E tudo o que é preciso ao traje de um criado.  
Oh! Muito pode a idéia, muito pode o Amor!  
Que havia de fazer? Fiquei apaixonado...  
Enquanto os oradores faziam discursos  
Eu num canto arredado inventava uns recursos  
Para ficar na ilha. Ao menos eu veria...  
Assim adormeci. E quando eu despertei  
Vi ao redor de mim a noite horrenda e fria.  
Confesso, tive horror e sem querer gritei.  
Deixaram-me ficar. Mas com a condição  
De servir de criado às virgens da prisão...  
Mas aquele rochedo era tão singular  
Que a gente era a dormir... era logo sonhar  
Cousas extravagantes, lindas, engenhosas!  
Eu travava, sonhei, discussões calorosas  
Com a amável senhora dona carcereira.  
Assunto principal — a pátria brasileira.  
Pátria, querida pátria! Eu vejo-te de longe  
A divagar nas praças ocas do porvir.  
Pensas como Platão, meditas como um monge.  
Vejo-te soluçar, vejo-te sucumbir.  
Se a minha doce Ela, a virgem Liberdade  
Te pudesse abraçar em plena liberdade...  
Mas tudo é sem caráter, gélido, sem cor.  
Há duas prostitutas corrompendo o Ódio,  
Há duas prostitutas corrompendo o Amor.  
Uma é o cativoiro, híbrido, serôdio;  
A outra é a coroa, inútil, corruptora,  
Ela afoga o civismo, ela torce o talento,  
Mente como um ladrão, engana, ilude, gora.  
Com estas duas bestas haverá jumento  
Que faça vir ao mundo um asno assaz possante  
Capaz de carregar o peso de um gigante?...  
Há gêneros nacionais, boas mercadorias,  
E basta de importar da Europa as dinastias.

Pátria, querida pátria! Faça-se a política.  
Mas não esta que existe, amarela, sem crítica,  
Que cifra-se em berrar no exílio a oposição  
Enquanto a outra lambe os cobres da nação.

E não se há de mudar? Querem viver assim?  
Quem é filho de Adão só pode ser Caim?

Não teremos história e nem literatura  
Enquanto houver o rei e houver escravatura:  
A imprensa há de ser sempre flácida e inútil,  
A Representação engodo triste e fútil,  
E o povo sempre besta, pobre basbacão,  
Porque não há partido sem a opinião.  
Não vistes inda há pouco o coroadado chefe,  
Incapaz de afrontar o áureo magarefe,  
Adocicar tão bem os lábios dos jornais  
Mostrando uns pretextinhos, fúteis... imperiais,  
Negando-se assistir a festa do Ceará?...  
Se há Luiz XVI há de haver um Marat.  
Pátria, querida pátria! Vê que tu não podes  
Amar a um rei Pilatos. Ele como Herodes  
Pode fazer de ti um mártir João Batista...  
Pátria, querida pátria! Pois não vês a lista  
Hedionda, repugnante, das traições havidas  
Dos que, pelo egoísmo, deram suas vidas?...  
Amo o azul dos céus e o rubor da pitanga  
Irisados no albor da casta madrugada.  
Antipatizo as duas cores do Ipiranga  
Que têm assim uns tons de moeda azinhavrada.  
Pátria, querida pátria! Hás de querer, tu,  
Que após o patriotismo e sacrifícios feitos,  
Nós fiquemos fossando, estúpido tatu,  
Nos restos fedorentos, pútridos, desfeitos,  
Das velhas monarquias, frígidas, malucas?  
Não é assim que pensas, nem assim que educas.

\*\*\*

Ouvi por trás de mim uma voz de cristal.  
Vi. Era a Liberdade sorrindo, sensual.  
Eu vim com Ela até o frio pedregulho  
Onde espirava o mar com um surdo barulho.  
Como estava bonita a minha doce ama!  
Recosta-se ao meu ombro em languido cismar,  
Recuo com respeito, fujo, ela me chama,  
Senta-me ao pé de si. Torna-se a recostar.  
— Senhora, desculpai; mas sou simples criado...  
Temo por vós, senhora, e serei dispensado...  
— Oh! tu não sairás! Meu pai gosta de ti.  
Tu prometes ficar? tu prometes? de vera?

— Enquanto estiverdes prisioneira aqui,  
Senhora, eu ficarei na ilha da Quimera.  
Eu vos amo, senhora! E saberei morrer  
Por vosso amor, donzela. Que estéril viver  
Eu passava sem ver-vos! Oh que doce dia!  
Me sinto reviver! Minha alma se extasia!

\*\*\*

Ligados pelo Amor, fortíssimo cadaço,  
Ao calor do eternal VINTE E CINCO DE MARÇO,  
Alegres como hebreus voltando a Jerusalém,  
Ambos adormecemos. Ela e eu também.

## **AOS 65**

### **Deputados gerais negreiros que negaram menção honrosa à província do Amazonas**

Dói aos republicanos! Dói a um brasileiro,  
Como se a mão queimasse, viva, num brazeiro,  
Ter de arregimentar as tropas da Idéia  
Para mandar bater com ríspidas refadas  
As costas dobradiças, tísicas safadas.  
De quem ficava bem no alto da boléia  
De um carro de barão; mas que não dá certo  
Pra sentar-se ou votar num parlamento aberto.

Que tempos, oh meu Deus, que tempos e que gente!  
Como não doera num coração ardente  
Que só palpita e sente pela pátria sua  
Espalhar com rancor nos ângulos da rua  
Que o único poder que na brazileia ferra  
Filho do povo é que sempre ao rei faz guerra  
Linfamou-se desceu e tanto de seus brios  
Que nega, a quem merece os justos elogios!

Mas, não! Eu não reúno as tropas do Ideal  
Que são dignas de mais para falar em tal!...

Eu reúno a canalha, ajunto as prostitutas,  
E mando-os insultar as vossas frentes brutas  
Oh! Excelentes servos dos escravocratas!  
Mando lançar-vos já em pleno Parlamento  
O que houver de mais negro e vil no sentimento  
E croas de capim e pútridas batatas!

Dói muito, meus senhores a Democracia  
Ver-se infamada assim à luz do meio dia!  
Dói ver cinqüenta e cinco livres deputados

Aos lodos do interesse tristes afastados  
Hoje vende-se tudo, oh tempo, tempo ignoto!  
Vende-se a Consciência, quando foi-se o voto  
Vende-se a Liberdade, vende-se o pudor.  
Anda de braço dado o Ódio com o Amor!

Não há vida melhor, oh judas deputados  
Do que essa que levais assim acorrentados  
Um cão vive também ao peso da coleira  
Digere, dorme, ladra: a serpe traiçoeira  
Ondula sobre as flores. Mas o assassino  
Cedo ou tarde há de vir cumprir o seu destino  
— Pedantes, impostores, ignorantões  
Além de preguiçosos, baixos e vilões.

Negai a liberdade ao brasileiro escravo.  
Que o povo sabe dá-la, o povo enorme e bravo  
Mas não negueis a croa de uma boa ação  
Que isso demonstra até nenhuma educação  
— Porém ficai sabendo, oh flácidos canalhas,  
Que o Amazonas tem o que não tereis nunca!  
Só não tem para dar-vos fétida espelunca  
Nem negro pelourinho e nem bastantes palhas!

# SONS DE VIOLA

## NA FEIRA

Olá, quem é que não foi  
De manhã na Feira Velha.  
Onde gente é como abelha,  
Onde retalha-se o boi?

— Bem ao pé do chichazeiro  
Quase em frente do portão  
A tia Chica, no chão,  
Vendia o seu tabuleiro.

Mais além, no calçamento,  
Uma briga depravada  
Entre mulheres vadias.

"Esmola pra o Sacramento!"  
Um homem de opa encarnada  
Diz na bodega do Frias.

## QUEM PODE, PODE, BEM-TE-VI!

Oh Bem-te-vi! Que estou vendo?  
Desrespeita a calvície,  
A humildade e a sandice  
Desse Urubu reverendo?

Respeita a roupa de luto,  
A mudez e ao tamanho,  
Mesmo ao nome que tem ganho  
O pobre Urubu matuto!

Quer nos ares, quer pousado,  
Quer no campo, ou na cidade,  
Não lhe poupas com teu bico!?

Acaso és tu copiado  
Nos moldes da humanidade?  
— É ele pobre e tu rico?

## **AS MINHAS CANTIGAS**

Menina, eu nunca dedilhei na lira  
Porque achei sempre a lira um impossível  
Aos dedos meus tão toscos e estouvados

Canto à viola, enquanto o samba gira  
Em curvas de atração irresistível  
E dás no corpo uns jeitos engraçados

Deixa que os toleirões civilizados  
Andem-se a francesar pelos salões  
Depinicando os virgens corações  
Como quem prova à mesa os bons guisados

Este viver assim é mais gostoso,  
É mais humano e até paradisíaco,  
É sensual sem ser afrodisíaco,  
Acerba dor não traz depois do gozo.

## **NA BEIRA DA LAGOA**

Como um tapete de risos  
Num campo de paz fecundo,  
Em cujos variados frisos  
De prazeres brinca um mundo.

Ao ar sadio da aurora  
Assim me parece o bando  
Das aves que, a toda hora,  
Vivem alegres vadiando.

Nas aguapés agrupados  
A tona das águas brandas  
Que o vento enruga de leve.

E vêm descendo as manadas  
Para as marginais varandas  
De areia da cor de neve.



## **GENTE ALEGRE**

Lá no imo da barreira  
Como um santinho no nicho  
Permanece a água pura.

E está fechada a porteira  
Para lá não descer bicho.  
Um espeque é fechadura.

Pelas veredas tortuosas,  
Com cabeças de água cheias,  
Num vozear de sereias  
Vão indo as cunhãs formosas

Não usam roupas custosas,  
Calçam tamancos sem meias,  
E trazem sangue nas veias,

## **A LÍNGUA DOS OLHOS**

Queria dizer que te amo,  
Queria dizer: te adoro,  
Acho o teu olhar canoro  
Como os sons de um gaturamá.

— Mas, ligeiro qual um gamo,  
Foge-me o verbo sonoro:  
Em vão os versos decoro  
A memória em vão reclamo:

O loquaz entusiasmo  
Esfria de uma lapada  
E faz-se um brutal marasmo.

É que a linguagem falada  
Tem honras de pleonasma  
Ante os fulgores da olhada.

## **O MEU CORAÇÃO**

Na paz de minha alma quieta  
Há um exército que aterra,  
Lá existe um Napoleão:

Sabe esgrimir baioneta,  
Conhece as artes da guerra  
O meu calmo coração.

As mãos ele tem calosas,  
Suporta o calor do estio,  
Ama doudamente ao frio,  
Gosta de amor e de rosas:

Formas as linhas, impetuosas  
como as enchentes dum rio,  
Pra lutar em desafio  
Com as mulheres formosas.

### **TUA ALMA! EM FLORES**

A candidez do jasmim  
Com os pudores da rosa  
E os cantos de um querubim

Tu tens nos lábios, formosa,  
Nesse teu sorrir sem fim  
Que arreбата, que endeusa.

E tua alma é também flores  
Adorantes, sensuais:  
Fecunda como os amores  
De nossos primeiros pais:

As vozes das virgens puras,  
Em coro, formam no espaço  
De flores celestes laço  
Onde prendem-se as venturas.

### **À TARDINHA**

Lá vêm as vacas. O dia  
Agora é que vai morrendo

No seu leito de rubis

Como a criança vadia  
Vêm os bezerros fazendo  
Mil diabruras gentis.

Os garrotes mais robustos  
Cruzam os chifres airosos,

Nuns torneios sinuosos,  
Elegantes, bons, adustos.

E vocês, em algazarra  
Trepam com medo o curral  
Gritando em folia — Marra!  
Garrotinho sem igual!

### **UMA PAISAGEM**

No cajueiro os galos de campina  
Soltam corridas como chuvas d'ouro;  
E, ricos e preciosos, um tesouro  
São pássaros, frutos, canto e tu, menina!

Soltas, à terna viola, o desafio  
Na rede armada entre os ramais, que o vento,  
Que traz de leste o refrescor do rio,  
Embalada sussurantes, ameno e lento.

Cantas e cantas mais. Oh doce encanto  
Que no cenário tem de uma paisagem  
Nuns lábios virginiais alegre canto!

Mas que contêm os bardos de plumagem  
Ganharás sempre a eles, pois que tanto  
És bela no cantar como na imagem.

### **BARDOS TRISTES**

Eu não gosto dos poetas  
Que andam sempre a se queixar  
Como quem sofre de calo.

O sentir desses patetas

É como um sino a chorar  
Sob os golpes do badalo

A dor, que relenta a flux  
Numa lágrima prateada,  
Ao pó a atração conduz.

Me alimenta a gargalhada  
Solta aos ventos como a luz  
Desde o albor da madrugada.

## **VIDA!**

Se ocultam belos cajú  
Pendentes de vida cheios,  
Como centenas de seios  
Nas folhas metidos nus.

Há um desejo que esmaga  
No leito de puro alvismo,  
Há um desejo na flor

Por entre os matos pervaga  
Um cheiro de sensualismo,  
Atraente, abafador.

E a seiva nos ramos corre,  
Nas folhas se embebe a luz;  
Enquanto uma flor já morre  
Um botão rebenta a flux.

## O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes  
São Paulo, 2014